



MULHER, ESPORTE E JORNALISMO: UM OLHAR SOBRE AS CONDIÇÕES DE TRABALHO EM SERGIPE

Marília Barbosa dos Santos, Andréia Reis Fontes, João Paulo Rabelo Nascimento, Bruna Távora de Sousa Martins; Universidade Federal de Sergipe.

INTRODUÇÃO

Os obstáculos para a prática jornalística feminina ainda são grandes, especialmente o preconceito que ainda persiste, refletido nas diferenças salariais e na presença ainda tímida nos veículos de comunicação. Apenas 10% das redações são constituídas por mulheres, em sua maioria fazendo a cobertura de esportes que não sejam o futebol (COELHO, 2004; BARBEIRO, 2006; ALEXANDRINO, 2011).

Dessa forma, este estudo teve como objetivo identificar as condições de trabalho das mulheres no jornalismo esportivo no estado de Sergipe.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A natureza deste trabalho priorizou o caráter qualitativo (MOREIRA, 2004). Com base nisso, foram aplicadas entrevistas semiestruturadas com três jornalistas esportivas do estado de Sergipe. Duas delas com atuação em uma das principais emissoras de televisão sergipana, a TV Sergipe.

Durante a aplicação das entrevistas, alguns registros se deram por meio de gravações, e assim faz-se o uso de falas diretas das entrevistadas. Para a manutenção do sigilo de cada uma delas, as citações foram abreviadas por E1, E2, (Entrevistada 1, Entrevistada 2...).

Quando questionadas sobre a remuneração paga pelo exercício da profissão - se é compensadora ou não, e se há diferenças entre os sexos - segundo a E2: "Como qualquer jornalista em Sergipe, a remuneração é fraca. No rádio, os que fazem esporte são ainda mais sacrificados. Isso porque existem poucos interessados na área e com isso pessoas sem formação acabam atuando no meio".

Quando questionadas sobre mudanças no campo de trabalho nos últimos anos e a abertura do mercado esportivo para mulheres no estado, há divergências nas opiniões. A E1 reconhece que ainda há um quantitativo muito reduzido de mulheres trabalhando nos veículos de comunicação no estado, porém, vê boas perspectivas. "Claro que ainda somos minoria na cobertura esportiva, mas é cada vez maior o número de mulheres nas redações de esportes". Por outro lado, a E2 é enfática: "Não vi mudança. Estou no meio esportivo há dois anos". Conforme avalia a E3, deve-se levar em consideração que Sergipe não é um estado com presença em campeonatos nacionais de grande significância. "Esta ausência de participação em nível nacional dificulta a geração de notícias neste âmbito, por isso se recorre muito a notícias ou curiosidades de eventos pontuais. Não acredito que seja fácil ser jornalista esportivo aqui".

Para as entrevistadas, Sergipe não oferece muitas opções de empresas de comunicação. Segundo elas, isso se dá porque o futebol local é fraco, tendo em vista que os dirigentes de clubes e federações não têm uma visão profissional do esporte. Esta ausência de participação em nível nacional dificulta a geração de notícias neste



âmbito e a demanda por mais profissionais. A questão financeira também é um entrave, pois como qualquer jornalista no estado, a remuneração é baixa e as perspectivas futuras não são muito animadoras. Soma-se ainda o preconceito que reina nesse meio machista, deixando questionamentos quanto ao conhecimento da mulher sobre esportes, especialmente futebol.

CONCLUSÕES

O jornalismo esportivo ainda é um mundo de homens, e isto exige que a profissional disponha de uma grande e diferenciada competência.

O preconceito envolvido no desenvolvimento da profissão demonstra o quão longo é o caminho até uma participação feminina assídua nas redações esportivas, quebrando tabus, assumindo as chefias e disseminando informação sobre esporte da forma sensível que lhe é peculiar.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRINO, Viviane Aparecida. **A mulher no jornalismo esportivo: análise da participação feminina no telejornalismo brasileiro**. Cornélio Procópio: 2011.

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do Jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo esportivo**. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2004.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.